

Medicina Hiperbárica no Hospital do Divino Espírito Santo de Ponta Delgada

Esta competência surgiu neste hospital em 2008. Fomos conhecer o trabalho desenvolvido pela Unidade de Medicina Hiperbárica e Subaquática (UMHS) junto da sua coordenadora, Paula Ferreira.



orgânicos. Estas “bolhas” podem diminuir ou até ser eliminadas através do efeito mecânico do aumento de pressão e da alta fração de Oxigénio respirado”. Hoje, o “espectro de atuação da OTH é bem mais alargado”, incluindo também tratamentos infeções anaeróbias, intoxicação por monóxido de carbono, fraturas expostas, surdez súbita e no âmbito das necroses. Nesta Unidade os acidentes de mergulho representam 3% do total dos tratamentos realizados”.

Foi, no entanto, no contexto do mergulho que tudo começou. Conforme nos explica, “A Medicina Hiperbárica em Portugal foi iniciada em 1953 na Base do Alfeite, para tratamento de doença descompressiva devido a acidentes de mergulho no âmbito da Marinha. Nos anos 70 começou a englobar outras patologias. Em 2001 começou a trabalhar com a comunidade civil de forma mais notória”. Diz-nos também que “durante anos não foi valorizada no nosso país, pela sua fraca divulgação fora do contexto das Autoridades

Marítimas”. Contudo, à medida que se foi revelando “como tratamento coadjuvante ou mesmo essencial para salvar vidas, reduzir custos e otimizar resultados”, foi crescendo e hoje “é uma Competência de reconhecido mérito a nível nacional e internacional”. É na “Conferencia Europeia de Consenso de Lille”, que decorre periodicamente, que são divulgados os tipos de patologia ordenados por níveis de evidência e recomendados para o tratamento por esta técnica.

A Unidade de Medicina Hiperbárica do Hospital Divino Espírito Santo de Ponta delgada surgiu em 2008 “para colmatar uma carência de tratamento emergente de acidentados de mergulho, provenientes do turismo subaquático oferecido na região e em franca expansão”. Mais tarde, em novembro de 2010, foi inserida no serviço de Anestesiologia e otimizada para o tratamento de diversas patologias. De acordo com os registos referentes ao período entre 2010-2015, constataram-se 1517 sessões de Câmara Hiperbarica de tratamento de rotina realizadas 34 sessões de Câmara Hiperbarica de tratamentos urgentes e 6781 tratamento diferenciado de feri-

das. A atividade da UMHS também tem desenvolvido trabalhos de investigação, de enfermagem, medicina e multidisciplinares que são apresentados em reuniões nacionais e internacionais da especialidade.

Esta Unidade “colabora com a Universidade dos Açores, em especial destaque no Curso de Mergulho Científico, com as Autoridades Marítimas e com os Agentes de Turismo Subaquático principalmente na vertente de formação, experiência de grupo e em simulacros. Os simulacros permitem manter os diversos serviços operacionais e testar os Algoritmos que norteiam as entidades responsáveis pelo salvamento subaquático e aquático, nas situações reais de urgência do Arquipélago. A UMHS disponibiliza também serviços de consulta para mergulho profissional e recreativo de acordo com a legislação em vigor”.

Finalizando, diz-nos que “o trabalho crescente efetuado nos últimos 5 anos, apesar das restrições económicas, foi visível na prestação do nosso serviço quer no contexto hospitalar quer no contexto do Turismo de Mergulho Recreativo, que a Região Autónoma da Açores promove com grande sucesso e procura. Os resultados dos trabalhos desenvolvidos na UMHS foram divulgados no último congresso EUBS (European Underwater and Baromedical Society) que decorreu em Genebra em 2016”.

Num primeiro momento, quisemos perceber com exatidão em que é que consiste a Medicina Hiperbárica. A essa pergunta inicial, a responsável esclarece que “é um tratamento médico que recorre a uma câmara pressurizada e ao uso de elevadas frações de oxigénio respirado”. Acrescentando, “diversos tratamentos de patologias podem ser favorecidos com a medicina hiperbárica, seja pelo efeito mecânico da pressão ou pelo efeito associado resultante das altas pressões parciais de oxigénio (PpO₂) respirado.

Uma aplicação tradicional desta técnica está relacionada com o mergulho, “uma atividade subaquática relativamente segura mas que acarreta alguns riscos que podem ser tratados, ou ter uma franca melhoria com recurso à Oxigenoterapia Hiperbárica (OTH). Seja a embolia gasosa ou a doença descompressiva por azoto (N₂), este efeito manifesta-se através de “bolhas” que se alojam nas articulações e outros tecidos

